



1774

Pôster

IV Congresso Internacional em Avaliação Educacional
Avaliação: Perspectivas para a Escola Contemporânea

RELATÓRIOS DE APRENDIZAGEM: COMO ELABORÁ-LOS?

Cláudia Regina Furlanetto

claudiarfurlanetto@yahoo.com.br

Creche Odilon Braveza – SER VI/ PMF

Problemática Anunciada e Desenvolvida

Elaborar relatórios de aprendizagem tem sido um grande desafio para muitos educadores. Pudemos constatar essa dificuldade na nossa prática como professora e na pesquisa de mestrado quando observamos a ação avaliativa de uma professora do 1º ano. Considerando tais dificuldades e a necessidade de elaborar relatórios de aprendizagem, expressa na Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB e na Sistemática de Avaliação do Município de Fortaleza (2002), solicitamos às professoras da Creche Odilon Braveza a elaboração dos relatórios semestrais de aprendizagem das crianças. Na ocasião, percebemos muitos questionamentos e dúvidas, embora as professoras já trabalhem na Educação Infantil há alguns anos. Os maiores questionamentos das professoras sobre os relatórios eram: Como devemos elaborá-los? O que devemos de fato colocar nesses relatórios? Deverão ser textos curtos ou longos?

Diante de tantas perguntas, sugerimos que escrevessem alguns relatórios do jeito que imaginassem ser um bom relatório, mas que a base seriam os escritos das observações diárias, que haviam sido solicitadas anteriormente. Alguns dias depois, lemos os relatórios e constatamos que em sua maioria, os escritos contemplavam o aspecto comportamental e de cobrança para que a família tomasse providências no cuidado das crianças.



Nesse sentido realizamos um estudo com as professoras, cuja fundamentação teórica foi os estudos de Hoffmann (1996) que vem há muitos anos pesquisando esta temática. A autora delinea algumas questões relevantes na elaboração de relatórios de aprendizagem, as quais serviram de base no estudo com as professoras, bem como na elaboração dos relatórios, que são: “Os objetivos norteadores da análise do desenvolvimento da criança transparecem nos relatórios? Evidencia-se a interrelação entre objetivos sócio-afetivos e cognitivos a serem alcançados, áreas temáticas trabalhadas e realização de atividades pela criança? Percebe-se o caráter mediador do processo avaliativo? Privilegia-se, ao longo do relatório, o caráter evolutivo do processo de desenvolvimento da criança? Percebe-se o caráter individualizado no acompanhamento da criança?” (1996, p. 68)

Segundo Hoffmann (1996), relatórios bem estruturados privilegiam a subjetividade de cada criança e precisam expressar áreas trabalhadas, objetivos, atividades realizadas, além de considerar a evolução do desenvolvimento infantil e as mediações realizadas pelo professor. Lembrando ainda que os objetivos sócio-afetivos e cognitivos devem estar interligados. “O que pretendo dizer é que não há sentido em se analisar participação, interesse ou comprometimento de uma criança, desvinculados dos conhecimentos que alcançam ou das atividades que realizam” (HOFFMANN, 1996, p. 71). Dessa forma, quando expressamos no relatório que uma criança é participativa, por exemplo, precisa que se diga em qual atividade e como ocorreu, não ficando assim, o interesse, o envolvimento desvinculado da atividade realizada.

Foi em um contexto de estudo e discussão, que as professoras puderam elaborar os relatórios de aprendizagem das crianças. Considerando uma amostra de 60



1776

Pôster

IV Congresso Internacional em Avaliação Educacional
Avaliação: Perspectivas para a Escola Contemporânea

relatórios, escolhemos um para analisá-lo, à luz do que sugere Hoffmann (1996). O relatório que se segue é de uma criança de dois anos e oito meses. Em sua originalidade totalizou pouco mais de uma lauda escrita pela professora. Lembrando que as Diretrizes Pedagógicas do Município de Fortaleza (2002, p. 61-62) sugerem que os relatórios ocupem o espaço de uma lauda.

No início, o aluno A, só falava a palavra “não” e demonstrava um certo receio de se aproximar e brincar com outras crianças, agora já procura por elas e divide seus brinquedos demonstrando carinho pelos colegas.

Nas atividades de colagem de EVA, ele fica bastante concentrado, nas pinturas espalha tinta dentro e fora dos limites. Permanece sentado durante as atividades de movimento, depois que todos participam ele se levanta e fica gritando “eu, eu, eu”. Fica super atento nas contações de história.

O aluno vem se manifestando cada vez mais nas brincadeiras e nas rodinhas de conversas, ele canta e faz gestos, mas quando é contrariado bate até conseguir o que quer.

Durante as brincadeiras no parquinho, observo que ele corre, pula, sobe, desce e interage bem com todas as crianças, resolve qualquer situação sozinho; sem precisar da minha intervenção.

Pretendo proporcionar mais oportunidades de diálogos entre as crianças para que ele possa ampliar seu vocabulário e mais atividades de pintura com giz de cera para o conhecimento das cores.

O relatório expressa aspectos da **evolução do desenvolvimento** de uma criança que ao chegar na creche falava apenas a palavra “não”, demonstrando receio em se relacionar e atualmente nas rodas de conversa canta,



se expressa e ao brincar divide os brinquedos com os colegas. Relata algumas **atividades** como trabalho com EVA, pintura com tinta, contação de história, rodas de conversa e **áreas trabalhadas** como Linguagem, Movimento, Artes e Música. Mostra ainda o **caráter individualizado no acompanhamento da criança** quando expõe “observo que ele corre, pula, sobe, desce e interage bem com todas as crianças”. É possível perceber no relatório, **intervenções** que deverão ser operacionalizadas para que a criança possa avançar, que é o trabalho com as cores, com pintura e ampliação do vocabulário. Podemos ainda destacar os possíveis **objetivos**, podendo considerá-los como critérios avaliativos expressos no relatório, que aparentam ter sido: desenvolver a oralidade, ampliar o vocabulário, saber partilhar brinquedos, interagir com os colegas, pintar dentro dos limites, desenvolver a escuta atenta das crianças, cantar músicas e fazer gestos, entre outros. Expomos anteriormente: “os possíveis objetivos, podendo considerá-los como critérios avaliativos” porque tais objetivos/critérios que são visíveis no relatório não foram pensados antecipadamente, eles foram considerados relevantes durante o processo educativo da criança e registrados. Será que não seria interessante pensar sobre tais critérios antecipadamente? Lógico que no decorrer do processo podem surgir outros critérios. Mas o que de fato é imprescindível para que as crianças aprendam? Devemos lembrar que os critérios não podem ser inflexíveis, pois precisam considerar a subjetividade de cada criança, o seu tempo e ritmo de aprendizagem, mas eles fazem parte de uma prática avaliativa planejada. O que de fato vou avaliar?

Ao concluir a elaboração dos relatórios de aprendizagem, convidamos os responsáveis pelas crianças para apresentá-los. Um a um, em quatro dias distintos, as



1778

Pôster

IV Congresso Internacional em Avaliação Educacional
Avaliação: Perspectivas para a Escola Contemporânea

famílias foram atendidas e, lendo, ouvindo e/ou conversando, foram informados das conquistas e dificuldades das crianças no processo de aprendizagem e desenvolvimento.

Conclusões Parciais e Recomendações

O relatório é um relato de uma história que foi vivida. A criança inicia o ano de uma forma, com um determinado nível de desenvolvimento. Vários acontecimentos são vivenciados em um determinado período, fazendo a criança aprender e se desenvolver. Os principais recortes desta história precisam ser relatados nos escritos. Nesse sentido, os registros diários, que dão origem aos relatórios tornam-se imprescindíveis, “porque não há como nos basearmos somente na memória; além de que a escrita exige uma reorganização do pensamento, uma maior reflexão e conexão entre as idéias detalhadas” (HOFFMANN, 1996). O ponto inicial de um bom processo avaliativo e de um relatório significativo; é o registro feito diariamente; originário fundamentalmente na educação infantil, das observações que carecem ser diversificadas e abrangentes, gerando assim registros estruturados e a ampliação do aprendizado das crianças.

Dessa forma, os registros diários dão origem aos relatórios. Vale ressaltar que a importância deste procedimento de avaliação é reconhecida no Referencial Curricular Nacional e também na Sistemática de Avaliação do Município de Fortaleza, tornando-se assim uma exigência na avaliação das crianças na creche, pré-escola e 1º ano do ensino fundamental. Mesmo sendo uma exigência legal, expressa ainda na Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB, o relatório não deve ser efetivado como um cumprimento burocrático. A sua elaboração necessita



acontecer em um contexto de observações, percepções e intervenções. Para tanto, a prática avaliativa precisa ser planejada, incluindo essencialmente o pensar sobre as observações e a definição de critérios de avaliação. Como vou realizar as observações? Com quais critérios devo avaliar as crianças? De acordo com Hoffmann (2005, p.53), “sempre avaliamos a partir de expectativas construídas”, ou seja, de forma consciente ou não, estabelecemos parâmetros que fundamentam a nossa avaliação. Além disso, a referida autora nos alerta que “critérios de avaliação, pertinentes ao processo avaliativo, são contextualizados e específicos para cada turma de alunos, em cada tempo escolar, para cada projeto desenvolvido” (p.55). Assim, os critérios de avaliação mostram uma direção para a avaliação.

Pensando em uma prática avaliativa ajustada, Hoffmann (2005, p.17) sugere três tempos para a avaliação: 1) tempo de admiração dos alunos; 2) tempo de reflexão sobre suas tarefas e manifestações de aprendizagem; 3) tempo de reconstrução das práticas e/ou de invenção de estratégias pedagógicas para promover melhores oportunidades de aprendizagem.

Segundo Hoffmann (2005, p. 23-24), o **tempo de admiração** é o tempo para investigar, observar, conhecer a criança e o seu jeito de aprender, por isso se inicia antes de iniciar o ano, pesquisando nos arquivos da escola, conversando com outros professores e com a família para resgatar as histórias de vida das crianças e registrá-las.

O desafio está em prestar atenção em cada um, buscando-se uma visão mais ampla possível sobre sua história e sobre os seus jeitos de aprender, para poder pensá-los e interpretá-los. (HOFFMANN, 2005, p. 24)



O “**tempo de reflexão**” é para pensar sobre os registros escritos a partir das observações e sobre as atividades avaliativas que foram realizadas pelas crianças. E, o “**tempo da reconstrução das práticas avaliativas**”, é destinado à criação de estratégias pedagógicas para promover melhores oportunidades de aprendizagens. Nesse âmbito, a reflexão e a ação pensada, possibilitam a evolução das práticas.

Diante do exposto, concluímos que é de suma importância à criação de espaços para estudo sobre avaliação dentro das escolas e creches, bem como para o planejamento da prática avaliativa, pois, concepções precisam ser movidas, práticas precisam ser re-significadas. E em consonância com Hoffmann (2005, p.7):

Tenho a esperança de convidar os que nunca experimentaram esse caminho a pensar diferente em avaliação, a ousar, a inventar: ao invés de fazer parte dos que ficam repetindo que não dá para fazer – tecendo críticas, fazendo queixas, discutindo as mesmas dificuldades de sempre – meu convite é para darmos alguns passos à frente, fazendo um pouco que seja, devagar que seja, mas fazendo diferente do que sempre se fez... (p.7)

Esse fazer diferente se concretiza nas ações cotidianas de investigar a vida da criança, o seu jeito peculiar de aprender; fazer registros significativos que tencionem acompanhar a aprendizagem infantil e não cumprir com burocracias; refletir sobre os escritos diários, criar mediações e escrever relatórios que de fato retratem uma amostragem do que foi vivido, para que possa ser dividido com as famílias.



Bibliografia

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB)**, 9394/96. Brasília, DF: MEC, 1996.

_____. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental – Brasília: MEC/SEF, 1998.

HOFFMANN, Jussara Maria Lerch. **Avaliação na pré-escola: um olhar sensível e reflexivo sobre a criança**. Porto Alegre: Mediação, 1996.

_____. **O jogo do contrário em avaliação**. Porto Alegre: Mediação, 2005.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FORTALEZA. **Sistemática de Avaliação da Aprendizagem na Rede Municipal**. Fortaleza, 2002.

_____. **Diretrizes Pedagógicas para a implementação das instituições de educação infantil: creches e pré-escolas da Rede Municipal de Ensino de Fortaleza.**: 2002.

